

COMO ESCREVER A QUATRO MÃOS

HOW TO WRITE WITH FOUR HANDS

TRADUÇÃO

MICHAEL HARDT

TRADUÇÃO DE JEFFERSON VIEL¹

USP - Brasil

jefferson.viel@usp.br

INTRODUÇÃO

No ensaio traduzido abaixo, Michael Hardt versa sobre sua parceria intelectual com Antonio Negri, especialmente no que diz respeito ao trabalho de escrita conjunta dos dois. Ao cumprir essa tarefa, o autor inicialmente narra seu encontro com o filósofo e militante italiano, revelando a ocasião dos primeiros convites de colaboração entre eles e da redação de seu primeiro livro escrito a quatro mãos, *O trabalho de Dioniso*. Em seguida, Hardt descreve o chamado “método atributivo” de escrita, que, amplamente utilizado nas revistas políticas italianas dos anos 1960 e 1970, das quais Negri participara ativamente, passou a guiar o trabalho conjunto dos dois pensadores. Na terceira parte do ensaio, o teórico político e literário estadunidense medita sobre o processo colaborativo em si mesmo, destacando, duma parte, o excesso produtivo (marxiano) gerado pela colaboração e, doutra, o critério (espinosano) que deve ser utilizado na escolha das parcerias. Por fim, uma breve comparação entre a colaboração realizada em termos de igualdade, como no caso vivido pelo autor, e o modelo colaborativo frequentemente utilizado nas Ciências, baseado em relações hierárquicas entre os diversos pesquisadores, é feita, sublinhando-se a maior potência da primeira em relação ao último.

TRADUÇÃO

O que primeiramente me impactou em Toni Negri foi sua generosidade. Desde o início, ele me levou intelectualmente a sério e me tratou como um igual. No começo tive dificuldade em aceitar sua oferta de igualdade, mas ele insistiu o suficiente para que ela, enfim, se tornasse a base de nossa colaboração. Estou convencido de que a magia da escrita colaborativa só pode ocorrer numa relação

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP).

especial de igualdade. Para mim, no contexto deste volume,² a melhor maneira de celebrar a ocasião do octogésimo aniversário de Toni é refletir sobre a natureza de nosso encontro e de nossa colaboração.

Conheci Toni em Paris no verão de 1986, o terceiro de seus quatorze anos de exílio. Visitei-o durante uma semana para resolver problemas concernentes à tradução de seu livro sobre Bento de Espinosa: *A anomalia selvagem*.³ Nos encontramos diversas vezes na semana e, no curso de nossas discussões, ele sugeriu que eu me mudasse para Paris. Poderíamos nos encontrar uma vez por semana, caminhar no Jardim de Luxemburgo e falar sobre filosofia, lembro-me dele propondo. A imagem me atraiu. Voltei para Seattle, onde fazia minha pós-graduação, cumpri minhas provas de doutorado e mudei-me para Paris no verão seguinte sem financiamento, bolsa de estudos, emprego ou lugar para viver. Com a ajuda de Toni e do círculo de exilados italianos, eu felizmente encontrei uma maneira de sobreviver.

A primeira oferta de colaboração que Toni me fez veio inesperadamente no primeiro ano de minha estada em Paris. Haviam lhe pedido para contribuir com um ensaio sobre Karl Marx para a revista americana *Polygraph*, e em vez de simplesmente me pedir para traduzir seu ensaio, ele sugeriu que escrevêssemos juntos. Bem a par da minha falta de suficiente conhecimento sobre a obra de Marx (e praticamente sobre tudo o mais!), eu recusei. Toni, então, escreveu em italiano e eu traduzi para o inglês o ensaio “Twenty Theses on Marx”.⁴

Embora ainda estivesse num estágio inicial de escrita da minha tese de doutorado nos Estados Unidos, matriculei-me como estudante de Ciência Política na Universidade Paris VIII, Saint-Denis, para ter o direito de trabalhar legalmente por meio período na França. Obtive um *Diplôme d'études approfondies* (DEA) – *grosso modo*, o equivalente a um mestrado – e entrei no programa de doutorado (*troisième cycle*) com o apoio de Jean-Marie Vincent como meu orientador. Toni lecionou como professor visitante no mesmo departamento em Paris VIII, mas nunca fui seu aluno e nunca frequentei nenhuma de suas aulas. Todavia, ele continuamente me deu oportunidades.

Quando começaram as discussões sobre a formação de uma nova revista, que veio a ser chamada de *Futur Antérieur*, com Toni e Vincent como figuras centrais, Toni convidou Maurizio Lazzarato e eu para nos juntarmos ao pequeno corpo editorial. As reuniões editoriais da revista foram um grande treinamento em colaboração para mim. Toni já tinha uma vasta experiência. Ele escreveu um livro com Felix Guattari antes de eu chegar em Paris, mas acredito que ele tenha aprendido a colaborar principalmente durante suas muitas aventuras em revistas políticas na Itália das décadas de 1960 e 1970.⁵ Acredito que os métodos

² Trata-se do volume 46, número 2, da revista *Genre*, editada pela Universidade de Duke. Tal número, onde este escrito fora originalmente publicado, dedicou-se integralmente ao pensamento de Antonio Negri. [N.T.]

³ NEGRI, 1991.

⁴ Id., 1992.

⁵ Dentre elas, *Quaderni Rossi* (1961-1966), *Classe Operaia* (1964-1967), *Contropiano* (1968-1971) e *Potere Operaio* (1969-1973). Para o livro conjunto de Guattari e Negri, cf. GUATTARI; NEGRI; 1985. [N.T.]

desenvolvidos em revistas políticas formaram a base do modo de colaboração que criamos depois em nossos projetos de livro.

Por volta de 1990, quando concluí meu doutorado nos Estados Unidos, Toni propôs um outro projeto de escrita colaborativa, e dessa vez eu aceitei. Um editor da *University of Minnesota Press*, Terry Cochran, sugeriu que Toni reunisse seus ensaios sobre o Estado, escritos nas décadas de 1960 e 1970, para uma antologia em língua inglesa. Toni temia que tal coletânea parecesse desatualizada, então ele propôs que nós escrevêssemos juntos alguns novos capítulos que analisassem questões contemporâneas concernentes ao Estado para acompanhar e compor com seus ensaios mais antigos. O livro resultante, *O trabalho de Dioniso*,⁶ publicado em 1994, foi, portanto, apenas uma colaboração muito parcial: ele escreveu sozinho mais da metade dos capítulos publicados na edição anglófona – na Itália e em outros países onde os ensaios mais antigos de Toni já haviam sido publicados, o livro é composto apenas por nosso material coescrito. Assim, *O trabalho de Dioniso* foi um trampolim para nós, um experimento parcial e inicial em colaboração. Quando chegou a hora de dizer à editora como nossos nomes deveriam aparecer na capa, pensei em diferentes maneiras de sinalizar a nossa colaboração parcial. Uma possibilidade, por exemplo, foi “Antonio Negri com Michael Hardt”. No entanto, Toni insistiu que o livro pertencia a nós dois e que nossos nomes deveriam ser listados igualmente, em ordem alfabética.

Satisfeitos com esse livro, rapidamente começamos outro. Novamente, a oportunidade veio primeiro a Toni, e ele a compartilhou comigo. O editor de uma grande casa francesa propôs que ele escrevesse um manual de teoria política. Começamos a discutir o projeto e fazer esboços, mas no decorrer de um ano a oportunidade na editora francesa se foi. Continuamos o projeto mesmo assim, despindo-o de suas características de manual e revisando-o no livro *Império*.⁷ Era nossa oportunidade de colaborar plenamente pela primeira vez. Desde então temos trabalhado juntos constantemente. Frequentemente penso que isto se tornou uma condição para nossa amizade, que haja sempre um projeto de livro entre nós.

Como eu disse, o método de escrita conjunta que desenvolvemos se baseia em práticas comuns dos coletivos editoriais de certas revistas políticas, especificamente o que pode ser chamado de modelo “atributivo” [*“assignment” model*]. Nesse modelo, a atividade intelectual primária se inicia nas discussões do coletivo. Argumentos detalhados são elaborados conjuntamente, e amplos esboços de cada ensaio e do número completo da revista são produzidos. Só então são feitas as atribuições para os membros do coletivo em torno da mesa: “você escreve o ensaio sobre *x*, eu escreverei o ensaio sobre *y*, ela fica com o ensaio sobre *z*”, e assim por diante. Desse modo, escrever um dos ensaios pode se tornar uma tarefa simples, na medida em que basta colocar no papel uma

⁶ HARDT; NEGRI, 1994.

⁷ HARDT; NEGRI, 2000.

ideia e um argumento que já foram gerados pelo coletivo. Por isso faz sentido que, em várias revistas e jornais políticos, os ensaios não sejam assinados. O método atributivo cria o gênero colaborativo (e quase-anônimo) da escrita.

Toni e eu passamos por um processo parecido ao escrever nossos livros. Cada um de nós trazia suas ideias para a mesa e discutíamos os argumentos durante um longo período. O processo de escrever, estender e refinar o esboço oferece-nos a ocasião para continuarmos a discussão. Às vezes conduzimos essa fase do trabalho juntos numa mesa, outras vezes ao telefone e até mesmo por correspondência. Começamos a escrever somente quando o esboço está perto de ser concluído e quando julgamos estarmos entendidos quanto ao argumento de cada parte do livro. É quando começamos as atribuições. Não escrevemos juntos, sentados ao redor do teclado; em vez disso, completamos nossas atribuições sozinhos.

O método atributivo, como eu disse, cria a impressão de que a criação intelectual efetiva ocorre na fase de discussão e que a escrita é praticamente mecânica. Isso certamente tem a virtude de poder ajudar a superar o bloqueio da escrita: “você já sabe o que dizer, basta escrevê-lo”. Mas todos os escritores reconhecem que grande parte da invenção, talvez a maior, ocorre no próprio processo de escrita. Quando se tenta articular um argumento por escrito, não importa quão explícita é a atribuição, sempre se descobre não só obstáculos inesperados como também novas possibilidades. As grandes recompensas (e tormentos) do processo de escrita derivam do fato de que ela constantemente exige soluções criativas.

Uma vez que o processo de escrita é tão importante, o fato de elaborarmos nossas atribuições separadamente corre o risco de minar a natureza colaborativa do projeto. Realmente, se cada um de nós fosse escrever capítulos inteiros de modo separado, o livro poderia se tornar simplesmente uma coletânea de ensaios de autoria individual. Para a escrita manter seu caráter colaborativo, é importante, em primeiro lugar, que as atribuições sejam muito curtas, às vezes de apenas algumas páginas. Em segundo lugar, os rascunhos devem ser submetidos a um processo de revisão conjunta. Depois de discutirmos juntos os rascunhos, geralmente revisamos ou expandimos o trabalho um do outro; então discutimos novamente. Às vezes o processo continua por tantos passos que nenhum de nós consegue lembrar quem fez o primeiro rascunho.

Em 2006, quando Toni e eu tivemos a sorte de poder passar quatro meses juntos em Veneza, tínhamos as condições ideais para esse processo. Desde que havíamos terminado o esboço de *Bem-estar comum*⁸ antes desse período de Veneza, estávamos prontos para começar a escrever. A cada manhã nos encontrávamos para fazer as atribuições, e a cada tarde voltávamos para casa para escrever separadamente. Na manhã seguinte iríamos nos encontrar, ler os rascunhos juntos, discutir o que cada um escreveu, decidir sobre as revisões necessárias e fazer novas atribuições para a tarde. Seguimos esse ciclo de atribuições e revisões até o esboço ser concluído e até termos um primeiro

⁸ HARDT; NEGRI, 2011.

manuscrito. Então passamos dois anos ou mais revisando o manuscrito antes de ele ficar pronto para a publicação.

O principal mistério da escrita colaborativa reside no fato de que o texto resultante ultrapassa em muito a soma do que os autores são capazes de produzir por conta própria. O trabalho, obviamente, baseia-se na pesquisa combinada: a soma dos livros lidos e as conversações tomadas em conjunto e separadamente. Mas no processo de exercitar o argumento e especialmente no processo de escrita, acontece uma espécie de alquimia e um novo elemento surge, algo como o poder produtivo que Marx afirma surgir da própria cooperação. Marx explica que quando os trabalhadores cooperam de forma planejada, eles se despem dos grilhões de sua individualidade e desenvolvem as capacidades do gênero [*Gattungsvermögen*].⁹ Na escrita colaborativa, o processo de deixar os grilhões da individualidade para trás pode ser sentido como liberação e descoberta de algo novo. Não só uma soma de nossas contribuições, mas algo diferente e adicional; parece mágica. O milagre da colaboração é a produção de um excesso.

O poder produtivo da cooperação pode ser reconhecido não apenas no conteúdo do argumento, mas também no tom e no estilo da escrita. Assim como para muitos outros pares colaborativos, o que escrevemos juntos parece pouco com qualquer um de nossos textos de autoria individual. Não é uma alternância ou mesmo uma mistura de vozes. Em vez disso, nossa escrita conjunta parece produzir a voz de um terceiro, que permanece ao mesmo tempo conosco e separada de nós. Essa nova voz é o signo do processo alquímico.

Quando se entra num processo de escrita colaborativa, tem-se que deixar de lado certas coisas para permitir que a transformação ocorra. Semelhante colaboração é rara não porque requer um talento de que só algumas pessoas são dotadas, mas sim porque exige trabalho, diligência, paciência e generosidade. Na escrita, antes de tudo, você não pode se agarrar tão firmemente às próprias palavras e às próprias formulações específicas. Deve-se tomar a forma que o outro tem de dizer as coisas e trabalhar com ela. Muitas vezes, é uma verdadeira proeza permanecer aberto às palavras do outro e ainda tornar o texto resultante consistente e preciso. Acho que Toni e eu, talvez paradoxalmente, fomos ajudados nisso por nossa diferença idiomática. Discutimos em italiano, mas escrevemos os rascunhos em nossas próprias línguas, italiano e inglês. A diferença de idioma cria uma abertura e proporciona a cada um de nós uma margem de autonomia. Além disso, somos constantemente forçados a traduzir em nossas cabeças e em nossas discussões, o que permite nos envolvermos com as palavras do outro e efetivamente torná-las nossas. Nossas revisões são sempre escritas em uma mistura de italiano e inglês, e cada um de nós, durante todo o processo de revisão, tem que se esforçar para tornar coerente o todo. Somente na etapa final a língua do manuscrito é unificada, geralmente em inglês e, portanto, de minha responsabilidade.

⁹ MARX, 1977, p. 447.

No nível das ideias, um esforço ainda maior é necessário para permitir que o poder da cooperação surta efeito. Não se trata de eliminar aquelas ideias de que o outro não compartilha. O desacordo direto é relativamente atípico, e raramente é difícil deixar esses pontos de lado. Antes, o trabalho principal consiste em encontrar formas de envolver e desenvolver as ideias do outro (e isso com certeza é inseparável da questão do idioma). Posso pensar em muitos exemplos de quando um de nós ouviu uma fala ou leu um ensaio do outro e pensou: isso é algo com que eu posso trabalhar. Cada um toma a ideia ou argumento do outro, transforma-os, estende-os e envia-os de volta. Nesse sentido, a escrita colaborativa pode parecer consistir em um contínuo e mútuo plágio. Mas isso não é bem verdade. Como Marx diz a Pierre-Joseph Proudhon, qualquer noção de roubo assume *a priori* e em algum sentido um conceito naturalizado da propriedade.¹⁰ O processo de cooperação intelectual, em vez disso, cria uma zona em que todas as ideias são abertamente acessíveis para nosso uso; as ideias são nossas sem ser possuídas por nós. Talvez seja por isso que a escrita colaborativa pareça tão mágica às vezes; porque, no processo, as ideias deixam de ser uma propriedade e tornam-se verdadeiramente comuns. Nós somos liberados dos grilhões da individualidade e da possessão e entramos numa relação produtiva maior e mais rica. O ato de abrir suas ideias para o uso livre e envolver-se plenamente com as ideias do outro como se fossem suas (sem pretender possuí-las) é essencial para a escrita colaborativa.

Dizer que os coautores são iguais, é claro, não significa que sua contribuição é a mesma. Nem é necessário, para isso, deixar de lado suas diferenças ou fingir que você traz os mesmos elementos para a mesa. Na verdade, a interação entre os diferentes saberes, talentos, estilos e temperamentos no processo colaborativo é essencial para produzir o excesso. Você deve apreciar as diferenças e então permitir-lhes livre expressão, mas não faz sentido tentar medi-las e aumentá-las para convencer a si mesmo de um balanço equilibrado. Igualdade no processo de escrita significa, em parte, que esses tipos de cálculo já não lhe fazem mais sentido.

Porém, isso não quer dizer que se pode colaborar com qualquer um satisfatoriamente. O cálculo real e único teste relevante é estritamente espinosano: a presença e interação com aquela pessoa aumenta sua potência de pensar? Lamentavelmente, nossos encontros com muitas pessoas (talvez a maioria?) na verdade diminuem nossa potência de pensar, nossa habilidade de compreender o mundo e nossa capacidade de formar argumentos claros e de criar conceitos. Quando ocorre um encontro que aumenta a sua potência, agarre-o e cultive-o. É uma dádiva. A igualdade que realmente importa na escrita colaborativa é a de que ambos tenham igualmente sua potência de pensar e escrever aumentadas no encontro.

Acredito também que o senso e o desejo de igualdade numa relação escrita geram um esforço constante, com efeitos às vezes produtivos, às vezes perversos. Em minhas colaborações com Toni, não obstante uma relação geral de

¹⁰ MARX, 1975, pp. 142-48.

igualdade seja pressuposta, cada um de nós frequentemente teme não a manter em termos de produção. Eu sinto uma responsabilidade muito grande em cumprir os compromissos implícitos que fazemos um ao outro para concluir as atribuições. Durante a elaboração de *Bem-estar comum* descrita anteriormente, por exemplo, eu sabia que Toni escreveria suas cinco páginas todas as tardes, e independentemente das responsabilidades com as aulas ou outras tarefas, eu tive que encontrar uma maneira de terminar as minhas atribuições antes da manhã seguinte. Prazos para o processo de colaboração são os únicos que me mantêm acordado trabalhando até altas horas da noite. Em dado momento na elaboração desse livro, minha parceira se queixou que Toni estava me exigindo trabalho demais e, ao mesmo tempo, a parceira de Toni disse que eu estava lhe exigindo trabalho demais. Ambos fomos apanhados e impelidos pelo processo colaborativo.

É uma vergonha que a escrita colaborativa seja tão rara nas Humanidades e nas Ciências Sociais qualitativas. É claro, existem várias duplas famosas de escritores (Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, Gilles Deleuze e Félix Guattari e Marx e Friedrich Engels vêm à mente), mas em geral a pesquisa e escrita colaborativas são deixadas para os cientistas, que habitualmente colaboram em laboratórios e publicam trabalhos de autoria conjunta. Contudo, não pretendo defender que os teóricos políticos, sociais ou culturais sigam o modelo científico, uma vez que seus modos de colaboração são muito diferentes e, a meu ver, menos poderosos. O processo colaborativo de laboratórios científicos é definido por divisões hierárquicas de trabalho reminiscentes da produção taylorista, e a ordem dos nomes dos autores em publicações reflete essas hierarquias, com o nome do investigador mais importante listado na frente, independentemente das contribuições específicas para a pesquisa. Tais esquemas de cooperação certamente geram uma potência produtiva maior que a soma daquilo que os membros da equipe do laboratório poderiam criar individualmente, bem como a cooperação dos trabalhadores em uma fábrica. Mas o excesso dessa colaboração parece-me fortemente limitado pelas relações hierárquicas.

Em contraste, as propriedades alquímicas e transformadoras da escrita colaborativa que ocorre num contexto de igualdade e cria um espaço do comum liberam poderes maiores e totalmente diferentes. Para que semelhante encontro ocorra, você tem que estar disposto a retirar os grilhões da sua individualidade, para retornar à frase de Marx, e liberar a propriedade de suas palavras e ideias para que se possa pensar e escrever juntos no espaço livre e igual que daí resulta. Talvez, dadas as circunstâncias especiais e os esforços necessários, não deveria ser nenhuma surpresa que esse tipo de escrita colaborativa ocorra tão raramente. Em minha experiência com Toni, porém, as recompensas são inestimavelmente maiores que quaisquer custos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Labor of Dionysus: a critique of the State-form*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994 [Ed. bras.: _____. *O trabalho de Dioniso: para a crítica do Estado pós-moderno*. Trad. Marcello Lino. Juiz de Fora: Editora UFJF; Pazulin, 2004.]

_____. *Empire*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 2000 [Ed. Bras.: _____. *Império*. 7ª ed. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2005.]

_____. *Commonwealth*. Cambridge (MA): Belknap Press of Harvard University Press, 2011 [Ed. Bras.: _____. *Bem-estar comum*. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2016.]

MARX, Karl. Letter to J. B. Schweitzer, 24 January 1865. In: *Selected Correspondence of Karl Marx and Friedrich Engels*. 3rd ed. Trans. I. Lasker; edited by S. W. Ryazanskaya. Moscow: Progress, 1975. pp. 142-48

_____. *Capital*, v. 1. Trans. Ben Fowkes. New York: Vintage, 1977 [Ed. Bras.: _____. *O capital*, livro I. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.]

NEGRI, Antonio. *The savage anomaly: the power of Spinoza's metaphysics and politics*. Translated by Michael Hardt. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991 [Ed. Bras.: _____. *A anomalia selvagem: poder e potência em Espinosa*. Trad. Raquel Ramalhete. São Paulo: 34, 1993.]

_____. Twenty theses on Marx: Interpretation of the class situation today. Trans. Michael Hardt. *Polygraph*, n. 5, pp. 136-70, 1992.

NEGRI, A.; GUATTARI, F. *Les nouveaux espaces de liberté*. Paris: Dominique Bedou, 1985 [Ed. Bras.: _____. *Verdades Nômades: por novos espaços de liberdade*. Trad. Mario A. Marino e Jefferson Viel. São Paulo: Politeia, 2017.]